

O ÉDIPO SERTANEJO DE MONTEIRO LOBATO

Dilma Castelo Branco Diniz¹

Resumo:

Este trabalho pretende analisar o conto “O mata-pau”, de Monteiro Lobato, que evidencia admiravelmente o encontro entre duas vertentes formadoras da cultura brasileira: a tradição urbana/escrita, procedente dos modelos europeus e a tradição regionalista/oral, nascida no meio popular.

Palavras-chave: Édipo, conto popular, Monteiro Lobato

Abstract:

This paper analyzes the story “O mata-pau”, by Monteiro Lobato, which shows in an exemplary way the encounter of two formative currents of Brazilian culture: the urban/written tradition, which comes from European models, and the regionalist/oral tradition, which has its origin in popular culture.

Key-words: Oedipus, popular story, Monteiro Lobato

Embora seja mais conhecido por sua literatura infantil, José Bento Monteiro Lobato se destacou como contista, recriando com maestria a vida das pequenas cidades do interior brasileiro – as cidades mortas. Essa sua produção, que a crítica costuma rotular de regionalista, na verdade, se refere ao Brasil como um todo e está diretamente ligada ao seu nacionalismo crítico. Através de seus contos, Lobato consegue fazer um apelo à nação, no sentido de despertá-la para a própria realidade, para as condições sociais, econômicas, tecnológicas e políticas terrivelmente primitivas de grande parte de seu território, uma realidade que a oligarquia não queria enxergar.

Os contos de Lobato estão reunidos, atualmente, em três volumes: *Urupês*, *Cidades mortas* e *Negrinha*. Analisarei, neste trabalho, o conto *O mata-pau* (LOBATO, 1950:

167-177)², de *Urupês*, que ilustra de modo admirável o encontro entre duas vertentes formadoras da cultura brasileira: a tradição urbana/escrita, oriunda dos modelos europeus e a tradição regionalista/oral, nascida no meio popular.

São dois os personagens: um homem da cidade, viajante em passeio pelo campo e seu guia caboclo. Para uma maior clareza, relembremos concisamente o enredo. Primeiro, o narrador se espanta com um enorme mata-pau. Depois, o caboclo lhe conta a história de Elesbão e Rosa. O casal não tinha filhos. Certa noite, apareceu uma criança no terreiro e a adotaram. Apelidado de Ruço, o menino tinha má índole e aos dezoito anos, era “ruim inteirado”. Suas relações com Rosa, maternas até ali, degeneraram em namoro e, um dia, Elesbão aparece morto ao lado do mata-pau. Rosa vende a propriedade para ir com Ruço para o oeste, mas, à noite, acorda sufocada: a casa ardia. Sarou das queimaduras, mas não do juízo. Ruço fugira com o dinheiro...

Um dos aspectos relevantes do conto reside na representação da linguagem oral dos caboclos, que se manifesta em diversos trechos. Ao mostrar ao viajante um exemplar pequeno do mata-pau, junto a um cedro, o caboclo explica, numa linguagem oral, marcada pelos dêiticos, como a planta se desenvolve.

- Aquele fiapinho de planta, ali no gancho daquele cedro, continuou o cicerone, apontando com o dedo e beijo uma parasita mesquinha grudada na forquilha de um galho, com dois filamentos escorridos para o solo. Começa assinzinho, meia dúzia de folhas piquiras; bota p'ra baixo esse fio de barbanete na tenção de pegar a terra. [...] O barbantinho engrossa todo dia, passa a cordel, passa a corda, passa a pau de caibro e acaba virando tronco de árvore e matando a mãe – como este guampudo aqui,

¹ Doutorado em Literatura Comparada pela Faculdade de Letras da UFMG.

² Esse conto foi escrito em 1915. Todas as citações seguidas de U e do número da(s) página(s) correspondente(s) são tiradas dessa edição.

concluiu, dando com o cabo do relho no meu mata-pau. (U, p.168)

Admirado, o homem indaga: “E a árvore deixa?” O outro responde, falando da árvore como se ela fosse uma pessoa:

Não desconfia de nada, a boba. Quando vê no seu galho uma isca de quatro folhinhas, imagina que é parasita e não se precata. O fio, pensa que é cipó. Só quando o malvado ganha alento e garra a engrossar, é que a árvore sente a dor dos apertos na casca. Mas é tarde. O poderoso daí por diante é o mata-pau. A árvore morre e deixa dentro dele a lenha podre. (U, p. 168-169)

A comparação da árvore com uma pessoa prepara o espírito do leitor para a segunda parte do conto. Aí, todos os pormenores da ação do mata-pau, expostos na primeira parte, estarão em correspondência com os pormenores da história de Rosa.

Na voz de Rosa, surge outro exemplo de linguagem rural.

- Lesbão, des'que morreu o pai, anda amode que ervado. Mas não é sentimento não. Ele desconfia... Às vezes pega de olhar para mim dum jeito esquisito, que me gea o coração... (U, p. 175)

A fala de Rosa traz marcas nítidas do “falar regional”: algumas sílabas são omitidas e surgem expressões típicas como “amode que ervado”, “pega de olhar” e “gea o coração”. Nota-se ainda um alongamento do período, pelo emprego seguido de várias orações coordenadas, que dão a impressão do raciocínio inculto ou do falar do analfabeto.

Vasda B. Landers (LANDERS, 1988:75) afirma, com acerto, que essas palavras nos lembram a linguagem usada por Guimarães Rosa. De fato, nessa qualidade de bem representar a fala oral rural talvez resida um dos aspectos precursores cultivados por Monteiro Lobato.

A analogia estabelecida entre o mata-pau e Manoel fundamenta a estrutura do conto que se desenvolve mediante o diálogo entre essas duas camadas de significação.

Lembro-me aqui dos trabalhos de Bakhtine: *o diálogo é a única esfera possível da vida da linguagem* (BAKHTINE apud. KRISTEVA, 1974:66). E de Kristeva: *todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto* (KRISTEVA, 1974:64). Nessa relação de “intertextualidade”, a noção de texto se amplia enormemente. No caso específico desse conto, a história de Rosa se condensa numa imagem, numa representação – o mata-pau.

Ao fazer a relação do mata-pau como símbolo do ruim, da “devoração” de Rosa e de todos pelo Manoel, o homem da cidade estabelece uma relação analógica ou de semelhança, transferindo-a para outro contexto, o da cidade; e para o seu próprio contexto de narrador cidadão. A imagem da árvore assassina na sociedade é, pois, encarada por sua vez como um texto que o escritor lê e onde se insere ao reescrevê-la. Dessa forma, o escritor participa da história através de uma escritura-leitura, isto é, da prática de uma estrutura significativa em função de uma outra estrutura: a sociedade em que vive. *A história e a moral se escrevem e se lêem na infra-estrutura dos textos* (KRISTEVA, 1974:62), afirma Júlia Kristeva.

Pode-se ler também, nessa história, uma outra e nova versão do mito de Édipo, que nesse conto ressurge modificado. Manoel Aparecido revela-se um Édipo sertanejo: mata o pai para ficar com a mãe. Filho adotivo, é verdade: daí o “quase incesto” do texto. Mas se Édipo, ao saber a verdade, se pune, arrancando os próprios olhos, Manoel Aparecido tenta matar a mãe e foge com o dinheiro para o oeste paulista, uma espécie de “terra da promessa”, na época. Efetua-se um deslocamento típico da paródia: a seriedade trágica do Édipo transforma-se na irresponsabilidade malévola do Ruço, numa demonstração de irreverência diante de comportamentos e convenções estereotipadas, marcadas pela tradição. Dessa maneira, o autor desmascara a transcendência do objeto literário e o reconstitui ligado à impureza e ao prosaico da experiência desintegradora que marcou, em nosso país, a formação de uma sociedade industrial. O clima trágico do modelo original se dissolve pela irreverência do parodista que, ao carnavalizar as tradições, ao mesmo tempo protege e agride as personagens. Irrompe-se, então, o humor, que se apresenta como um fator de equilíbrio do sistema, provocando um sorriso irônico, ainda que amargo, que estabelece não só uma distância entre os significados, mas também um julgamento crítico arguto.

Outro aspecto relevante desse conto é a figura de Manoel Aparecido, o Ruço:

Manoel Aparecido era o nome do rapazinho. Como tivesse olhos gateados e cabelos louros de milho, denunciadores de origem estrangeira, puseram-lhe os vizinhos a alcunha de Ruço. (U, p.173)

Ruço representa as idéias estrangeiras, a cultura estranha que chega ao Brasil, deita raízes, vai-se fortalecendo e acaba por matar a cultura mãe. Essa “morte” cultural equivale à perda de identidade e está representada no texto pela loucura de Rosa. A própria palavra Ruço, por sua estrutura fônica, expressa o estrangeiro, a do “russo”, que, antes de 1917³, não possuía nenhuma conotação sócio-política. Há que se lembrar também que Manoel vem de Emanuel que

³ Com a instauração do Comunismo na Rússia pela Revolução de fevereiro de 1917, a palavra “russo” passou a designar também um adepto do Comunismo.

quer dizer “Deus conosco”. Seguido de Aparecido, parece sugerir que as idéias estrangeiras são recebidas em nosso país como um “deus bem aparecido”...

Em *Idéias de Jeca Tatu*, Monteiro Lobato manifesta sua rebeldia contra *a nossa completa anulação de personalidade* (LOBATO, 1950b:VII) diante do estrangeiro, principalmente diante da França.

Lobato valorizava muito a originalidade e tinha horror à cópia, mas aceitava a imitação, compreendida como uma assimilação de processos. No prefácio da 1ª edição de *Idéias de Jeca Tatu*, escreve:

Convenhamos: a imitação é, de feito, a maior das forças criadoras. Mas imita quem assimila processos. Quem decalca não imita, furta. Quem plagia não imita, macaqueia. (LOBATO, 1950b:XI)

Monteiro Lobato, em suas obras, ao assimilar processos, como neste conto “O mata-pau”, trabalha sobre o texto de outros, a história de Édipo, de modo insubordinado e antropófago, mostrando uma rebeldia bem peculiar aos escritores de uma cultura periférica, dominada por outra.

E mostra, subjacentemente nesse conto, a correlação entre “saber”, “verdade” e “poder”, de que trata teoricamente Michel Foucault, em sua célebre interpretação do mito de Édipo (ROCHA, 1988:63-71). Porque não sabia a verdade ou porque não possuía nem controlava os fragmentos de “verdade” e “saber”, Édipo terminou perdendo o “poder”, afirma Foucault, para quem o mito de Édipo é o mito da “verdade”. Da mesma forma, Lobato achava que o brasileiro, por não saber a “verdade” sobre o Brasil, ignorando sua verdadeira situação de país pobre e doente, acabaria também por perder o “poder” sobre sua própria nação. Para combater a ignorância dos brasileiros é que Lobato lança uma grande e entusiástica campanha sanitária sob o tema de “é preciso sanear o Brasil”, em 1918.

Foucault estuda esse mito na peça de Sófocles, *Édipo Rei*, em que a ação se passa inteiramente em Tebas, por ocasião da peste que assolou a cidade (ROCHA, 1988:65). A esse propósito, Everardo P. G. Rocha afirma o seguinte:

A riqueza da interpretação foucaultiana reside, exatamente, em tomar a estória de Édipo como um modelo dos conceitos de “poder” e “verdade”, bem como de suas relações, no contexto da sociedade grega naquele momento histórico. (ROCHA, 1988:70)

Lobato faz o mesmo ao ligar o mito de Édipo à metáfora do mata-pau: insere as relações entre “verdade” e “poder” no contexto social brasileiro da época. Se Rosa soubesse a “verdade” sobre o Ruço e não tivesse acreditado nele, teria evitado a tragédia. Ela não percebeu sua maldade e foi usada e destruída, como a árvore, que, no conto, foi descrita muito sugestivamente como uma pessoa vitimizada.

Em 1918, ano da publicação de *Urupês*, Lobato escreve no jornal O Estado de São Paulo uma crônica intitulada “Reflexos morais” (LOBATO, 1950c:259), em que relaciona o mata-pau a todos os parasitas que infestam o Brasil: os parasitas propriamente ditos, que dominam grande parte da população em endemias avassaladoras; e os parasitas políticos e sociais. Curiosamente, Monteiro Lobato não ataca diretamente o parasita, mas ataca os homens inertes, sem espírito de luta e que se deixam explorar. Afirma que a moral está ausente de nosso país por causa da doença que o assola e que, para revigorar o Brasil, é preciso restaurar a saúde do povo. Mas, para isso, não se pode contar com os parasitas, interessados que são na permanência do mal, pois só *a ingenuidade pode conceber a hipótese altruística de semelhante abdicação* (LOBATO, 1950c:264). E para instigar o leitor, apresenta um fictício diálogo irônico entre o mata-pau e uma peroba, seguido de uma instrução:

- “Mata-pau, não me mates”, dizia a peroba ao gameleiro constritor.

- “E por que, perobinha amiga, te não hei de matar?”, respondeu o facínora vegetal.

- “Porque também tenho direito à vida”, gemeu a suplicante.

O mata-pau, sujeito lido em Darwin, retrucou sentenciosamente:

- “Só tem direito à vida quem não mente às leis naturais, quem se defende, quem luta. Se és inerte e não esboças gesto de defesa contra mim, por que hei de privar-me de crescer e prosperar à tua custa? Impede-me de estrangular-te, se podes; do contrário, resigna-te”.

Nesta réplica está a norma de reação do país contra o ancilóstomo, contra o tripanosoma, contra o treponema pálido, contra o bacilo de Hansen, contra a leishmânia tropical e, sobretudo, contra o ácaro político. (LOBATO, 1950c:264-265)

A peroba, árvore típica de nossa pátria, representa o brasileiro, vítima de numerosos parasitas e também a nação, vítima dos parasitas sociais e políticos. Importa lembrar aqui o lema nacionalista de Lobato, que acreditava, vigorosamente, no valor do conhecimento como base do progresso. Num pequeno texto intitulado “Conhecer-se...” escreveu:

Nosce te ipsum, eterna verdade psicológica, fonte única de aperfeiçoamento moral, mental, social e físico, tanto nos indivíduos como nas coletividades. Só quem se conhece progride e vence. (LOBATO, 1950d:119)

Nosce te ipsum (Conhece a ti mesmo) é a tradução latina da famosa inscrição grega que figurava no frontão do templo de Delfos. Mas é também o lema em que Sócrates

sintetiza toda a sua vida de sábio: o profundo conhecimento do homem constitui o objetivo de todas as suas especulações e a moral, o centro para o qual convergem todas as partes da sua filosofia (FRANÇA, 1955:47).

Conhecer-se constitui, pois, o lema lobatiano básico, mas conhecer-se alerta às distorções do imaginário enganoso. Se praticarmos o *nosce te ipsum*, o lema nacionalista de Lobato, conheceremos verdadeiramente os nossos problemas e encontraremos soluções exatas para resolvê-los. Mesmo assim, será necessário manter uma vontade firme na ação, para fazer do Brasil um país próspero e feliz.

Parece ser essa a mensagem desse conto de Lobato, estruturalmente figurada nos elementos da tradição européia escrita, representada emblematicamente no conto pelo mito de Édipo e a tradição oral e interiorana, figurada na imagem do mata-pau – discurso “paródico” que traz uma subjacente, mas clara crítica à cultura construída com base na exploração do outro e no amortecimento dos valores “nacionais” próprios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FRANÇA, Pe. Leonel. (1955). *Noções de História da Filosofia*. Rio de Janeiro: Agir.
- KRISTEVA, Júlia. (1974). *Introdução à Semanálise*. São Paulo: Perspectiva.
- LANDERS, Vasda B. (1988). *De Jeca a Macunaíma: Monteiro Lobato e o Modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- LOBATO, J. B. M. (1950). *Urupês. Obras Completas I*. São Paulo: Brasiliense.
- LOBATO, J. B. M. (1950b). *Idéias de Jeca Tatu. Obras Completas vol. IV*. São Paulo: Brasiliense.
- LOBATO, J. B. M. (1950c). *Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital. Obras Completas vol. VIII*. São Paulo: Brasiliense.
- LOBATO, J. B. M. (1950d). *Mundo da Lua e Miscelânea. Obras Completas vol. X*. São Paulo: Brasiliense.
- ROCHA, Everardo P. G. (1988). *O que é mito*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense.